

QUATRO ASPECTOS DA NOÇÃO DE TRABALHO DOS CADERNOS DE SOCIOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO CRÍTICA

FOUR ASPECTS OF THE LABOR NOTION OF THE NOTEBOOKS OF SOCIOLOGY OF SÃO PAULO STATE: ONE CRITICAL HISTORICAL ANALYSIS

CUATRO ASPECTOS DE LA NOCIÓN DE TRABAJO DE LOS CUADERNOS DE SOCIOLOGÍA DEL ESTADO DE SÃO PAULO: UN ANÁLISIS HISTÓRICO CRÍTICO

Arthur Guilherme Monzelli¹

Resumo: O artigo analisa os *Cadernos de sociologia*, material didático usado pelos professores das escolas públicas paulistas desde 2008 até 2019. A pergunta de pesquisa era esta: esses materiais permitem uma formação científica ou fomentam o desenvolvimento de habilidades interessantes ao mercado? A pesquisa teve como objetivo analisar como tais materiais didáticos ensinavam a categoria trabalho. Para tanto, foram examinados os seguintes documentos: *Cadernos de sociologia* da segunda série do Ensino Médio; *Currículo do Estado de São Paulo* e *Matriz de avaliação processual: filosofia e sociologia*. Ademais, tal análise documental foi enriquecida por uma revisão bibliográfica da obra de Karl Marx. Por fim, caracterizou-se quatro aspectos da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia*.
Palavras-chave: Cadernos de sociologia; Categoria trabalho; Materiais didáticos; Karl Marx.

Abstract: The article analyzes the Notebooks of Sociology, didactic material used by teachers of paulist public schools from 2008 to 2019. The research question was these: those materials allow a scientific formation or fomented the development of abilities that are interesting at market? This research held as objective analyze how these didactic materials teach the labor category. For this purpose, it was examined the following documents: High School second grade *Sociology Notebooks*; *São Paulo State Curriculum* and *Procedural Evaluation Matrix: philosophy and sociology*. In addition, this document analysis was enriched by a bibliography review of the Karl Marx's work. Finally, was characterized four aspects of the notion of labor of Notebooks of Sociology.

Keywords: Notebooks of sociology; Category labor; Didactic materials; Karl Marx.

Resumen: Lo artículo analiza los *Cuadernos de sociología*, materiales didácticos usados por los profesores de las escuelas públicas paulistas desde 2008 hasta 2019. La pregunta de pesquisa esta: esos materiales permiten una formación científica o fomentan o desenvolvimiento de habilidades interesantes al mercado? La pesquisa ha tenido como objetivo analizar como esos materiales didácticos han enseñado la categoría trabajo. Con ese fin, fueran analizados los siguientes documentos: *Cuadernos de sociología* de lo segundo año de la Escuela Secundaria; *Currículo del Estado de São Paulo* y *Matriz de evaluación procesal: filosofía y sociología*. Además, este análisis documental fue enriquecida por una revisión bibliográfica de la obra de Carlos Marques. Por fin, se caracterizó cuatro aspectos de la noción de trabajo de los *Cuadernos de sociología*.

Palabras clave: Cuadernos de sociología; Categoría trabajo; Materiales didácticos; Carlos Marques.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCLAR-UNESP), Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar pela FCLAR-UNESP. ORCID: 0000-0001-9461-9338.

“Ele só quer, só pensa em adaptar/Na profissão seu dever é adaptar”².

Raul Seixas, *É fim do mês*.

INTRODUÇÃO

Procura-se, por meio desta discussão, contribuir para a análise dos materiais didáticos que auxiliaram, mas também, em certa medida, engessaram o ensino de sociologia no estado de São Paulo. Geralmente o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas têm sido levado a cabo com o auxílio de livros didáticos, anualmente solicitados pelos professores do ensino público via Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). No entanto, a partir de 2008, ano do retorno da obrigatoriedade do ensino de sociologia na educação pública, além do livro didático, os professores das escolas públicas paulistas passaram a receber pequenos manuais com instruções específicas de como ministrar suas disciplinas, os assim chamados *Cadernos do professor e do aluno*. Segundo as autoras que produziram esses materiais didáticos, eles “não devem ser encarados como imposição”, nem como “um material definitivo e acabado”, em vez disso, precisam ser considerados como uma proposta “limitada e aberta a contínuo aperfeiçoamento” (SCHRIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 421). Contudo, a introdução dos *Cadernos do professor e do aluno* na rede pública de ensino paulista acompanhou a hegemonização sistemática – realizada de cima para baixo, diga-se de passagem – de um processo de ensino e aprendizagem direcionado ao desenvolvimento de competências e habilidades.

Embora não se seja o foco deste artigo, faz-se necessário destacar que a organização do processo pedagógico por meio do ensino de competências e habilidades, que compõe o rol das assim chamadas pedagogias do aprender a aprender, não só se tornou a pedagogia oficial do estado de São Paulo, mas também se expandiu para a educação brasileira em sua totalidade. Essa tendência de hegemonização da pedagogia das competências não é casual, mas, em vez disso, resulta de um projeto econômico e político arquitetado desde a Conferência Mundial sobre Educação para Todos realizada em 1990, na cidade de Jomtien, Tailândia, cujo principal foco era o estímulo à reforma neoliberal da educação básica mundial, a fim de que ela desenvolvesse “a oportunidade de alcançar e manter um padrão mínimo de qualidade da aprendizagem” (UNESCO, 1998, p. 4). O que, em outras palavras, significava oferecer aos estudantes das redes públicas de ensino uma educação voltada ao “campo dos valores, das competências, das habilidades e das relações interpessoais”, ou seja, um ensino concentrado no desenvolvimento dos assim chamados saberes socioafetivos ou

² SEIXAS, 1975.

socioemocionais (RABELO; JIMENEZ; SEGUNDO, 2015, p. 17).

Além disso, a educação pública brasileira, influenciada pelos planos educacionais de grandes agências de fomento econômico, produziu um esquema “de avaliação” geral necessariamente “sistemático e contínuo”, baseado em indicadores de resultados que devem ser atingidos como metas empresariais (RABELO; JIMENEZ; SEGUNDO, 2015, p. 17). São exemplos desses sistemas de avaliação, no âmbito nacional, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), também conhecido como Prova Brasil, e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por outro lado, no que diz respeito aos sistemas de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo, destacam-se o Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP) e o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP).

Desde 2008 até 2019, tais processos atuaram na educação pública paulista de forma indireta para que a utilização do livro didático fosse pouco a pouco desestimulada até se tornar um apêndice meramente secundário na organização do processo de ensino e aprendizagem, enquanto, em contrapartida, toda a organização pedagógica da vida escolar passou a girar em torno do ensino de competência e habilidades amparado nos *Cadernos do professor e do aluno*. Nesse sentido, tais materiais didáticos mostraram-se dignos de estudo, tal como foi feito nos trabalhos de MALDONADO (2013); LEITE (2014); RISSARDI (2016); DA COSTA (2017), DE ARAUJO (2019), entre outros.

Além desses estudos, também vale a pena mencionar a dissertação *A categoria trabalho nos cadernos de sociologia do ensino médio da rede pública do estado de São Paulo* (2020), cujo conteúdo fundamenta o presente artigo. Tal dissertação resultou de uma investigação qualitativa cujo como problema de pesquisa foi compreender se o ensino mediado pelos *Cadernos do professor*, mais especificamente na disciplina de sociologia, proporcionava uma formação geral e crítica aos estudantes do ensino público ou, em vez disso, fomentavam o seu treinamento à satisfação das atuais demandas das relações de exploração do trabalho no modo de produção capitalista contemporâneo. O principal objetivo da investigação supracitada era analisar como a temática do trabalho era ensinada nesses manuais didáticos fornecido às escolas estaduais paulistas. Para realizar tal investigação, foi levado a cabo uma análise documental no *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor; sociologia*, referente ao segundo ano do Ensino Médio, período escolar no qual a temática do trabalho era propriamente discutida. Também foram analisados os documentos oficiais que amparavam tais cadernos didáticos, a saber: o *Currículo do Estado*

de São Paulo (2008) e *Matriz de avaliação processual: filosofia e sociologia* (2016). Além disso, a análise documental foi enriquecida e mediada por uma revisão bibliográfica da obra marxiana sobre a categoria trabalho, tanto no estudos da juventude de Marx quanto em suas obras da maturidade.

Para evitar repetições desnecessárias da terminologia *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor; sociologia* ao longo deste artigo optou-se, sem prejuízo de sentido, pelo uso da expressão sintética *Cadernos de sociologia* seguido da especificação da série e do volume que se está analisando ou simplesmente *Cadernos de sociologia*. Além disso, chegou-se à conclusão de que a noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* desenvolve quatro dimensões alienantes, a dimensão ciclópica; a ideológica a negligente e a conciliadora. Portanto, um processo de ensino e aprendizagem exclusivamente guiado pelos *Cadernos de sociologia* tende a adaptação dos estudantes do ensino público às exigências das atuais relações de exploração existentes no mundo do trabalho. Apesar disso, aposta-se no potencial que uma formação teórica e política sólidas têm de evitar a limitação do processo de ensino e aprendizagem à reprodução mecânica de instruções de materiais didáticos empobrecidos.

O ASPECTO CICLÓPICO

Na mitologia grega, os ciclopes são representados como seres gigantesco, de formato humanoide que descendiam de Poseidon, deus dos mares. Também tinham apenas um olho, localizado no centro dos seus rostos, e eram tão sobrenaturalmente fortes quanto estúpidos. Esta última característica dos ciclopes é retratada enfaticamente na *Odisseia*, sobretudo no canto em que a personagem de Ulisses mente sobre seu verdadeiro nome para se livrar do domínio de Polifemo, ciclope que aprisionou a ele e seus companheiros em sua caverna. Ulisses, arditosamente diz Polifemo: “Ninguém é como me chamo. Ninguém chamam-me / a minha mãe, o meu pai e todos os meus companheiros” (HOMERO, 2011, p. 269). De acordo com Homero (2011), após mentir sobre seu nome, Ulisses espera a monstruosidade cair no sono, vítima do vinho que havia lhe dado, e perfura o olho do ciclope, auxiliado por seus companheiros, com uma estaca de madeira gigante por eles afiada. E é neste momento da epopeia que a estupidez do ciclope sucumbe perante a astúcia de Ulisses, pois, ao receber o golpe, a criatura desperta cega e clama desesperadamente por ajuda a seus amigos, os quais, por sua vez, ao ouvirem os gritos de Polifemo, lhe perguntaram: “Será que algum homem mortal te leva os rebanhos, / ou te mata pelo dolo e pela violência?” (HOMERO, 2011, p.

271). Polifemo, em razão de sua estupidez, não percebe que as palavras as vezes têm mais do que um sentido e acaba lhes respondendo:

‘Ó amigos, Ninguém me mata pelo dolo e pela violência!’// Então eles responderam com palavras aladas: / ‘Se na verdade ninguém te está a fazer mal e estás aí sozinho, não há maneira de fugires à doença que vem de Zeus. / Reza antes ao nosso pai, ao soberano Posêidon.’// Assim dizendo, foram-se embora (HOMERO, 2011, p. 271).

Todavia, não há nada de estúpido na noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia*, em vez disso, suas lacunas e incongruências cumprem o papel astucioso de dificultar a compreensão da categoria trabalho em Marx. Então, qual o motivo de a noção de trabalho contida nos *Cadernos de sociologia* ter sido comparada com a besta mitológica de um olho só? Por causa de os ciclopes não serem caracterizados apenas pela estupidez, mas também porque possuem apenas um olho, logo, pode-se dizer que concebem a realidade de uma maneira unidimensional, deferentemente de Ulisses o qual consegue analisar o mundo de ao menos dois pontos de vista. Homero (2011) demonstra isso quando afirma que o primeiro pensamento de Ulisses ao ver seus companheiros devorados por Polifemo foi matar a criatura sem dó nem piedade, contudo, por outro lado, percebe que se assassinasse o ciclope ficaria preso dentro da caverna, cuja entrada havia sido obstruída por uma rocha gigantesca. Aliás, foi o olhar unidimensional de Polifemo que garantiu sua derrota perante Ulisses, pois quando este último afirmou se chamar Ninguém, o ciclope não conseguiu perceber que a palavra “ninguém” pode ter mais de um significado, no caso do poema épico, tanto o de um substantivo próprio quanto o de um pronome indefinido.

Levando isso em consideração, pode-se afirmar que a noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* é exposta de uma forma ciclópica, porque interpreta unidimensionalmente, ou seja, apenas em seu sentido alienado, a categoria trabalho em Marx, que carrega consigo mais de um significado. Aliás, tal interpretação não é simplesmente estúpida, mas intencionalmente estúpida. Por exemplo, quando se discute trabalho, pode-se estar pensando na categoria trabalho, ou seja, uma elaboração teórica resultante da síntese de formas históricas concretas de trabalho, que significa uma atividade produtiva vital, social e universal na qual a natureza é transformada pelo ser humano. Mas, por outro lado, trabalho também pode significar uma forma concreta histórica específica, por exemplo, o trabalho assalariado (alienado) no modo de produção capitalista. Portanto, o termo trabalho pode expressar, concomitantemente, os sentidos de fruição e alienação, mas a compreensão desse duplo significado é negligenciado aos estudantes do ensino médio, pois os *Cadernos de sociologia* da 2ª SEM, vol. II apresenta

para eles apenas uma visão ciclópica, evidente em três momentos da sua primeira situação de aprendizagem³.

Em primeiro lugar, quando se afirmou que trabalho é um termo derivado da palavra latina *tripalium* a qual, segundo a versão mais recente desse caderno, significa um mecanismo de tortura, embora, além disso, tal palavra também signifique uma ferramenta agrícola. Ao traduzir *tripalium* apenas como instrumento de tortura se está unicamente explorando o caráter pernicioso da categoria trabalho, ou melhor, o problema de sua alienação, por outro lado, caso se traduza *tripalium* também como uma ferramenta agrícola, então, se passa a explorar a dimensão vital da categoria trabalho, emblemática no trabalho autossuficiente de pequenos produtores agrícolas. Em segundo lugar, quando a categoria trabalho é definida como uma atividade indigna às classes dominantes da Antiguidade, sem novamente mencionar que, naquela época, “a agricultura”, atividade própria dos plebeus, era “altamente respeitada”, até mais que o comércio e outras atividades próprias das classes dominantes (MARX, 2011, p. 393). E, em terceiro lugar, a mesma unidimensionalidade se expressa quando a categoria trabalho foi interpretada mitologicamente na qualidade de uma punição divina dentro da visão de mundo judaico-cristã.

Tendo isso em mente, é possível indagar: qual é o problema de a exposição da categoria trabalho nos *Cadernos de sociologia* manifestar-se dessa forma ciclópica? Antes de mais nada, a unidimensionalidade dos *Cadernos de sociologia* causa o inconveniente de tornar a compreensão da categoria trabalho mais difícil do que ela realmente é, pois como já foi discutido, trabalho tem duas dimensões contraditórias: uma fruitiva e a outra alienante; uma vital a outra tóxica. Em outras palavras, o trabalho dos seres humanos pode produzir conquistas à humanidade, como o domínio do fogo, a invenção da escrita, da agricultura, etc., entretanto, ao mesmo tempo, o trabalho pode produzir relações sociais desumanas, tais como a escravização, a exploração do trabalho assalariado, entre outras. Ademais, a exposição ciclópica da categoria trabalho nos *Cadernos de sociologia* desenvolve três consequências, contudo, agora será discutido apenas uma delas, a consequência política.

A consequência política do aspecto ciclópico da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* é que, ao somente expor a dimensão alienada do trabalho, evita-se a compreensão, na consciência dos estudantes do ensino médio, do fato de a categoria trabalho, para além e antes mesmo do problema da alienação, ter um potencial formativo e fruitivo. Em outras

³ Os *Cadernos de sociologia* submetem os estudantes a situações generalistas nas quais são treinados, de forma essencialmente prática, a fim de que saibam como reproduzir sua vida cotidiana em situações-problema.

palavras, perde-se de vista o fato de o trabalho (concreto) expressar-se como princípio educativo, ou seja, deixa-se de compreender que, durante o processo de produção da existência humana (por meio do trabalho e no qual a natureza e a própria humanidade são transformadas), os seres humanos fruem, aprendem e ensinam o que aprenderam. Portanto, impede-se a compreensão de que, seja dentro dos muros da própria escola (forma atualmente mais desenvolvida em que se expressa o processo educacional), seja atuando-se no mundo do trabalho, ou em meio a participação em movimentos sociais, ou ainda, na apreciação e/ou elaboração das obras de arte, entre outras expressões do processo de trabalho, os sujeitos sociais são sempre mobilizados a pensar sobre as relações econômicas, sociais e políticas nas quais estão intimamente envolvidos, tanto para criticá-las quanto para mantê-las. Em síntese, a exposição ciclópica da categoria trabalho, imediata e acriticamente, naturaliza na consciência dos jovens a crença de que todos os fenômenos desenvolvidos a partir da categoria trabalho têm apenas um caráter alienado e nocivo. E isso acarreta o estímulo a esterilização da crítica da realidade existente e, ao mesmo tempo, desestimula os estudantes a atuarem politicamente dentro de organizações sociais que se posicionam contra os processos de alienação do trabalho, tais como os sindicatos, movimentos sociais, movimentos estudantis, grupos de formação, entre outros.

O ASPECTO IDEOLÓGICO

O segundo aspecto da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* pode ser caracterizado como ideológico. Todavia, antes de continuar com a exposição, vale pontuar o que se entende aqui por ideologia. Para tanto é necessário retomar a concepção de ideologia desenvolvida por Marx e Engels n’*A ideologia alemã* (1845-1846), ou seja, a tendência histórica de as classes dominantes fazerem seus interesses particulares se universalizarem entre as demais classes sociais, de modo que desapareça a origem dessas ideias dominantes e elas pareçam pertencer às próprias classes dominadas. Dito isso, percebe-se que o caráter ideológico da exposição do trabalho nos *Cadernos de sociologia* da 2ª SEM vol. II se desdobra imediatamente de sua dimensão ciclópica, pois, logo no início da sua primeira situação de aprendizagem, mais especificamente na citação da obra *Sociologia: um olhar crítico* as autoras argumentam que “o trabalho”, na Antiguidade, “representava uma atividade indigna”, mas, “no século XX, a ideia do trabalho firmou-se como uma atividade valorizada” (DE ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2011, p. 51-52). Nessa citação, não é mencionado, por

exemplo, o caráter extensivo e opressor das jornadas de trabalho nas grandes indústrias inglesas, ou a insalubridade do trabalho nas minas de carvão no século XX, ou ainda, a recorrência do uso indiscriminado do trabalho infantil em condições precárias e perigosas durante toda a Idade Moderna (ENGELS, 2010; MARX, 2013). Além disso, a exposição ciclópica do trabalho nos *Cadernos de sociologia* desemboca na suposição ideológica de que o trabalho, apesar de ser nocivo e torturante, vale a pena, porque é por meio dele que se supõe ser possível aos trabalhadores acumular riquezas.

Entretanto, é possível questionar como esse caderno pretende reproduzir na consciência dos estudantes do ensino público tal ideologia, cuja reprodução não beneficia quem precisa trabalhar para sobreviver, mas, ao contrário, favorece aqueles que vivem do trabalho dos outros? Em primeiro lugar, os *Cadernos de sociologia* ocultam a violência, espoliação e o imperialismo colonial que garantiu o surgimento da sociedade capitalista e dos senhores do trabalho, ou seja, dos capitalistas. Em segundo lugar, eles narram aos estudantes do ensino médio público a sua versão da clássica fábula de Esopo sobre as formigas e a cigarra, cuja conclusão deixa explícito que o trabalho é penoso, mas compensa submeter-se ao suposto sofrimento imane de trabalhar, pois esse trabalho duro e a poupança permitiram o enriquecimento das formigas que, além de tudo, benevolmente salvaram a cigarra preguiçosa da morte por inanição (SÃO PAULO, 2014). Essa interpretação aburguesada da fábula de Esopo, aproxima os estudantes da concepção de trabalho dentro do ascetismo protestante que, de acordo com os estudos de Max Weber, foi um dos pilares de sustentação ideológica da sociedade capitalista emergente no século XVI. Embora “quase *todas* as confissões religiosas” concebessem “o trabalho leal, ainda que mal remunerado, da parte daqueles a quem a vida não facultou outras possibilidades” como “algo extremamente aprazível a Deus”, contudo, o protestantismo “aprofundou ao máximo esse ponto de vista”, pois “produziu para essa norma” um “*estímulo* psicológico, quando concebeu” o trabalho “como o meio ótimo, muitas vezes como o *único* meio, de uma pessoa se certificar do estado de graça” (WEBER, 2004, p. 162, grifos do autor).

O ASPECTO NEGLIGENTE

O terceiro aspecto da exposição do trabalho nos *Cadernos de sociologia* pode ser entendido como negligente. Antes de avançar com a crítica desses cadernos, faz-se necessário destacar que a reflexão sobre a categoria trabalho acompanha a trajetória intelectual de Marx desde seus primeiros textos até sua *magnum opus* [obra-prima], *O capital* (1867), portanto,

evidentemente, qualquer material didático que se propusesse a apresentá-la seria incapaz de realizar tal empreitada de forma plenamente satisfatória. Apesar disso, os *Cadernos de sociologia* não desenvolvem apenas as limitações existentes em todo material didático, tais como a brevidade das explicações, o uso recorrente de exemplos simples, a condensação de diversos conteúdos em poucas páginas, etc., em vez disso, neles manifestam-se quatro dimensões *sui generis*⁴ de negligência, das quais serão analisadas em especial apenas duas delas: i) o velamento de referências bibliográficas e ii) o ocultamento da dimensão de suprassunção [*Aufhebung*]⁵ da alienação do trabalho.

Um dos principais aspectos de negligência da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* revela-se na ausência de referências bibliográficas dos conceitos, categorias e conclusões neles discutidos. Tomando como exemplo a questão da subsunção do trabalho ao capital, os *Cadernos de sociologia* chegam a mencionar, embora utilizando-se de termos inadequados, que foi Karl Marx o precursor dessa discussão, porém, não há nenhuma menção da origem dessa discussão em *O capital* ou, mais especificamente, no *Capítulo VI inédito do capital*. Os cadernos também comentam que “a consequência da divisão [capitalista] do trabalho é a separação, no processo de trabalho, entre concepção e execução do trabalho” (SÃO PAULO, 2014, p. 21, colchetes nossos), no entanto, não explicam aos estudantes do ensino médio que podem encontrar essa discussão mais aprofundada caso consultem o Livro I de *O capital*, seja na discussão do trabalho abstrato contida no primeiro capítulo dessa obra, seja na crítica da parcialização dos trabalhadores na época da grande indústria, discutida por Marx no décimo terceiro capítulo de sua obra-prima. O *Caderno* da 2ª SEM vol. II também não evidencia que a questão do mais-valor desenvolve-se nos capítulos cinco, dez e treze do Livro I de *O capital*. E, enfim, quando finaliza a segunda situação de aprendizagem,

⁴ Termo francês que significa algo único em sua origem, ou seja, que manifesta características exclusivas.

⁵ “[...] o verbo *aufheben* que, em alemão, significa, a um só tempo, o ato de erguer (algo do chão), o de guardar (um objeto, para que se conserve) e o de suspender (por exemplo, a vigência de um ato jurídico). Em geral, traduz-se *aufheben* por suprimir, abolir, ou ainda superar, assim como se traduz o substantivo *Aufhebung* por supressão, abolição ou superação. O problema é que o significado contido em *aufheben* e desdobramentos é muito maior, mais rico e variado, o que dificulta sobremaneira a versão para um termo adequado, que contenha ao mesmo tempo a unidade e diversidade da versão original.” (RANIERI, 2010, p. 16). Em poucas palavras, a ideia de suprassunção significa uma superação por incorporação em que o fenômeno, a ideia ou modo de produção suprassumido não é simplesmente abolido, em vez disso acontece um movimento triplo e concomitante de conservação (de elementos positivos), supressão (de elementos nocivos) e elevação do que foi conservado em um novo patamar. Um exemplo concreto está exposto no capítulo 24 de *O capital*, quando Marx (2013) afirma que no modo de produção capitalista foram produzidos diversas conquistas humanas, como a cooperação, o desenvolvimento tecnológico e científico, entre outras, mas ressalta que o modo de produção capitalista limita tais conquistas a lógica da apropriação privada. Então suprassumir o capitalismo implica a conservação das conquistas humanas desse período; supressão de relações sociais nocivas (propriedade privada, mais-valor, etc.) e a elevação das conquistas humanas no capitalismo em um novo patamar histórico, o comunismo.

explicando o problema do trabalho alienado como alienação do trabalhador perante o objeto de seu trabalho e perante outros seres humanos, o *Caderno de sociologia* não deixa nítido que essa discussão é proveniente dos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844), mais especificamente do capítulo “Trabalho alienado e propriedade privada”.

Dito isso, pode até parecer exagerado criticar os *Cadernos de sociologia* por não referenciar adequadamente os temas e conceitos que abordam, mas, na realidade, não há exagero algum nisso, pois ao ocultar os alicerces dos temas e categorias científicas ensinados aos estudantes do ensino médio, induz-se a perda de vista do processo histórico por meio do qual estas últimas se fundamentaram. Em poucas palavras, quando as origens e a importância dos temas e das categorias científicas são fetichizadas, em vez de serem explicadas, dificulta-se no processo de ensino e aprendizagem a possibilidade de desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico. Desse modo, a educação aparece para os estudantes do ensino médio como um processo indistinto, maçante, monótono e intuitivo a partir da qual se tornam aptos unicamente a lidar, comentar superficialmente e replicar soluções excessivamente pragmáticas de problemas genérico aos quais estão sendo familiarizados a resolver. Um movimento análogo ao que os *Cadernos* realizam é recomendado pela personagem Beatty, capitão dos bombeiros no romance distópico *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, quando ele afirmar ao seu subordinado Guy Montag que “não se pode construir uma casa sem pregos e madeira”, portanto, “se você não quiser que se construa uma casa, esconda os pregos e a madeira” e, “se não quiser” que “um homem” seja “politicamente infeliz”, ou seja, não se torne um sujeito político crítico, “não lhe dê os dois lados de uma questão para resolver; dê-lhe apenas um” ou, “melhor ainda, não lhe dê nenhum” (BRADBURY, 2012, p. 84).

Outra dimensão negligente da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia*, manifesta-se no ocultamento da possibilidade prática de suprassunção do problema da alienação do trabalho, materializada no comunismo. Segundo István Mészáros (2016), uma das grandes originalidades do pensamento de Karl Marx não foi a descoberta de que, no modo de produção capitalista, o trabalho se realiza de forma alienada. Como o próprio Mészáros (2016) ressaltou, Jean-Jacques Rousseau já percebeu que a sociedade fundada na propriedade privada originou a desigualdade social. Ademais, Adam Smith, antes de Rousseau, já afirmava que as condições de vida e de trabalho nas fábricas recém-formadas tendia a degenerar física e moralmente quem nelas trabalhassem. Então, em que sentido Marx foi original em sua exposição sobre a alienação do trabalho? Primeiramente, na exposição concreta e dialética do problema, mas, sobretudo, na descoberta da necessidade concreta de sua suprassunção a partir

de um movimento social revolucionário. Com efeito, as soluções para o problema da alienação do trabalho e da desigualdade social, elaboradas pelos pensadores anteriores a Marx, apenas orbitaram sobre estratégias reformistas, superficiais, morais e educacionais. Contudo, a originalidade de Marx está em justamente conceber a supressão da alienação do trabalho não só como uma questão possível e desejável, mas, acima de tudo, concreta e prática. Segundo Mészáros (2016, p. 24, grifos do autor): “o cerne dos *Manuscritos de Paris* que estrutura toda a obra, é o conceito de ‘transcendência da autoalienação do trabalho’. E depois completa: “a chave para compreender a teoria da alienação de Marx é o seu conceito de ‘*Aufhebung*’ [supressão]...” (MÉSZÁROS, 2016, p. 25).

Ademais, para além das críticas que diversos autores (dentro do próprio marxismo ou mesmo fora dele) tenham feito ao movimento comunista, ainda assim, é necessário expor que foi nele que Marx depositou suas expectativas da possibilidade de supressão [*Aufheben*] o problema da alienação do trabalho. Como bem destaca Mészáros (2016, p. 146), “em uma sociedade alienada não há instâncias sociais que possam efetivamente restringir, muito menos suplantar, a alienação”, justamente por isso, “a transcendência positiva” da alienação do trabalho “deve começar com medidas políticas”. E a medida política por excelência capaz de supressão a alienação do trabalho, a propriedade privada, a sociedade de classes e o Estado⁶ capitalista é, na acepção de Marx, o movimento social comunista ou simplesmente o comunismo, cujo principal sujeito revolucionário é o proletariado. Todavia, não há sequer uma linha no *Caderno de sociologia* da 2ª SEM vol. II discutindo a importância que Marx enxergava no comunismo como uma alternativa possível e prática para a supressão da propriedade privada, da alienação do trabalho e do modo de produção capitalista⁷. Uma grave negligência como essa, cometida conscientemente ou não, prejudica tanto a compreensão da categoria trabalho em Marx quanto do problema de sua alienação, pois deixa-se de refletir sobre o seu ponto gravitacional, o que, no mínimo, compromete a compreensão de tudo que a segunda situação de aprendizagem do *Cadernos de sociologia* da 2ª SEM vol. II se propôs a

⁶ Estado com “E” maiúsculo, em ciência política, significa um aparato institucional organizado para administração política de um dado território, em uma dada população, por exemplo, Estado brasileiro. Por outro lado, estado “e” minúsculo implica uma entidade específica dentro de uma federação, por exemplo, o estado de São Paulo. Contudo, em alguns momentos do artigo, o estado de São Paulo é grafado com letra maiúscula, por conta de se fazer referência a documentos oficiais que o grafam dessa maneira.

⁷ Nos demais exemplares dos *Cadernos de sociologia*, encontra-se três menções ao comunismo. A primeira está no *Caderno* da 1ª SEM vol. I quando se comenta que a sociologia foi proibida de ser ensinada em 1970 pela ditadura civil-militar brasileira que associava sociologia ao comunismo. No *Caderno* da 1ª SEM vol. II o comunismo aparece uma segunda vez em meio a uma breve biografia de Karl Marx. Por fim, no *Caderno* da 3ª SEM vol. I o comunismo é definido brevemente como uma tendência política que inspirava o movimento operário em sua luta por direitos dentro do Estado capitalista.

ensinar, ou seja, divisão social do trabalho, manufatura, subsunção do trabalho ao capital, mais-valor e alienação do trabalho. E, no máximo, deixa a impressão de que todos os problemas supracitados são intrínsecos à vida, ou seja, naturais, insuperáveis a ponto de restar aos estudantes apenas o caminho da adaptação e à educação apenas a função de fornecer um ensino que lhes permita lidar com os problemas estruturais do modo de produção capitalista, sem jamais cogitar a possibilidade de os supressumir ou, ao menos, pensar em uma sociedade na qual seja possível viver para além deles.

O ASPECTO CONCILIADOR

O quarto aspecto da noção de trabalho dos *Cadernos de sociologia* é marcado pela apologia à resignação e à resiliência dos estudantes perante as atuais transformações sofridas pelo mundo do trabalho. Esse aspecto conciliador se evidencia na terceira situação de aprendizagem do *Caderno de sociologia* da 2ª SEM vol. II, mais especificamente na transição de sua etapa 1 para sua etapa 2, quando se recorta estrategicamente o relato de três jovens moradores da Cidade de Deus, bairro periférico da cidade do Rio de Janeiro, contidos na obra *A máquina e a revolta* (1985), de Alba Zaluar.

No entanto, antes de analisar a fala dos jovens é preciso pontuar que elas sucedem uma série de gráficos e de notícias de jornal sobre o desemprego no Brasil e antecedem a discussão sobre as assim chamadas administrações científicas do trabalho, isto é, taylorismo, fordismo e toyotismo. Em síntese, os *Cadernos* pintam uma realidade decrescente nos índices de desemprego no intervalo de tempo de 2003 até 2012 – embora, neste último, os índices de desemprego ainda se mantinham muito elevados, atingindo cerca de 11% da população brasileira –, mas deixam nítido que a parcela da população que mais sofre com o desemprego são os jovens. Depois de trabalhar com o problema do desemprego na etapa 1, o *Caderno de sociologia* da 2ª SEM vol. II inicia a etapa 2 na qual discute as atuais transformações no mundo do trabalho, sumariando o que significa trabalhar sobre cada uma dessas formas de administração científica do trabalho supracitadas. Contudo, entre o final da etapa 1 e o início da etapa 2, esses cadernos citam estrategicamente um excerto de texto da etnografia de Zaluar (1994) em que três jovens discutem como suas famílias agem diante da pobreza e da criminalidade. Esses relatos, recortados sem uma satisfatória contextualização da obra *A máquina e a revolta*, não permitem aos estudantes do ensino médio o desenvolvimento de uma reflexão profunda sobre as causas e consequências da criminalidade nas periferias brasileiras, bem como os induzem ideologicamente a pensar que a melhor solução para o

combate à pobreza seja a submissão as atuais formas de exploração e precarização do trabalho. Isso se torna visível no relato do *Jovem 1* que afirma: “minha mãe nunca me ensinou a roubar. Eu não roubo. Não vou dizer que nunca passei necessidade, já passei necessidade, mas nunca cheguei a isso de meter a mão.” (ZALUAR, 1994, p. 121). Depois, o *Jovem 4* reafirma a ideia do *Jovem 1* dizendo que “todos os pobres têm um momento na sua vida que aperta de lá, aperta de cá, mas se tiver cabeça fresca, vai em frente...”, em seguida, se orgulha do fato de sua mãe ter “três serviços”, seu pai ir ao trabalho “de segunda a segunda” e seu irmão trabalhar “em obra”, em vez deles estarem por aí com “revólver na mão, ganhando parte dos outros, de pobre coitado...” (ZALUAR, 1994, p. 121-122).

Entretanto, a discussão presente em *A máquina e a revolta* não é tão simplista e ideológica da forma como o *Caderno* da 2ª SEM vol. II a pinta, inclusive, em outro momento da etnografia, o *Jovem 4* comenta que seu pai trabalha informalmente ou, em suas palavras, “se chamar pra ele fazer qualquer biscate ele vai”, mas, em contraponto, ironicamente pergunta: “o rico faz isso?”, respondendo logo depois: “o rico deita numa cama bem bonita, se arma todo”, posto isso, o *Jovem 2* completa a fala do amigo com o que ela deixa implícito: “aí que começa a revolta...” (ZALUAR, 1994, p. 119). Somente essas duas citações de *A máquina e a revolta* já demonstram como as relações entre os problemas da criminalidade e da pobreza são demasiados complexos para serem superados pela máxima resignante “mais vale ele lá na obra que tá de revólver na mão...” (ZALUAR, 1994, p. 121). Portanto, se mostra perceptível a principal preocupação do *Caderno de sociologia* da 2ª SEM vol. II, a saber: evitar a compreensão das origens e dos porquês dos problemas sociais por parte dos estudantes do ensino médio, satisfazendo-se em apresentar a eles como a realidade aparentemente funciona para que eles se adaptem a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da crítica à noção de trabalho nos *Cadernos de sociologia*, se reconhece neste artigo que só o fato de a categoria trabalho em Marx estar presente no currículo do ensino médio público paulista já se mostra resultado de disputas entre pesquisadores, sociólogos, professores com o Estado. Também não se pode ignorar que as discussões sobre trabalho contidas nos *Cadernos de sociologia*, ainda que estejam marcadas pelos problemas analisados neste artigo, mesmo assim, são passíveis de serem trabalhados de forma a engendrar um ensino significativo, pautado na transmissão de saberes historicamente acumulados pelos

seres humanos no campo da sociologia, desenvolvendo a autonomia e a criticidade dos estudantes. Mas, para isso, é crucial que os/as professores/as tenham uma sólida formação teórica e prática em sua área de atuação, como também levem a cabo uma práxis autorreflexiva contínua sobre sua própria prática docente. Somente assim, é possível desenvolver uma postura profissional crítica para com os materiais didáticos que são oferecidos pelo Estado e pela iniciativa privada aos/às docentes da educação básica pública.

REFERÊNCIAS

DA COSTA, Wellington Narde Navarro. **Sociologia em “mangas de camisa”**: representação do negro brasileiro nos livros didáticos. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

DE ARAÚJO, Silvia Maria; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia: um Olhar Crítico**. São Paulo: Contexto, 2011. 256 p.

DE ARAUJO, Natália Cristina Sganzella. **Gênero e sociologia no ensino médio**: entre ensinar e aprender. 2019. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, São Paulo.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010. 388 p.

HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 576 p.

LEITE, Maria Cristina Stello. **“Faz sentido?”** – práticas docentes no ensino médio na disciplina sociologia. 2014, 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MALDONADO, Luís Renato Silva. **Reformas educacionais na perspectiva de docentes**: o programa São Paulo Faz Escola. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O capital**: resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Centauro, 2004, 169 p.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857 – 1858. São Paulo, Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. 792 p.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção de capital. São Paulo Boitempo, 2013. 896 p.

MARX, Karl. **Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 494p.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016. 296 p.

RABELO, Jackline; JIMENEZ, Susana; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes. **O movimento de educação para todos e a crítica marxista**. Fortaleza: Imprensa Universitária 2015, 260 p.

MONZELLI, Arthur Guilherme. **A categoria trabalho nos cadernos de sociologia do ensino médio da rede pública do estado de São Paulo**. 2020. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

RANIERI, Jesus. *Apresentação: sobre os chamados Manuscritos econômico-filosóficos de Karl Marx*. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 11-17.

RISSARDI, Melina Sumaia. **A desnaturalização da realidade social como método para o ensino de sociologia na educação básica**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, São Paulo.

SÃO PAULO (Estado). **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias**. São Paulo: Secretaria de Educação, 2012. 153 p.

SÃO PAULO (Estado). **Material de apoio ao currículo do estado de São Paulo: caderno do professor; sociologia, ensino médio, 2ª série**. São Paulo: Secretaria de Educação, 2014. v. 2. 88 p.

SÃO PAULO (Estado). **Matriz de avaliação processual: filosofia e sociologia, ciências humanas; encarte do professor**. São Paulo: Secretaria de Educação, 2016. 44 p.

SCHRIJNEMAEKERS, Stella Christina; PIMENTA, Melissa de Mattos. **Sociologia no ensino médio: escrevendo cadernos para o projeto São Paulo Faz Escola**. In: Cadernos Cedes. São Paulo, vol. 31, n. 85, p. 405 – 423, set.-dez. 2011.

SEIXAS, Raul. **É fim de mês**. Rio de Janeiro. Philips Records: 1975. 1 CD (33 min).

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, 1998. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acessado em: 18-05-2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 336 p.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 267 p.